

EU SOU DEUS

GIORGIO FALETTI

Eu sou Deus

TRADUÇÃO DE ELIANA ÁGUIAR



© 2002 Baldini & Castoldi
© 2003 Baldini Castoldi Dalai *editore*

TÍTULO ORIGINAL
Io Sono Dio

CAPA
Mara Scanavino

PREPARAÇÃO
Paulo Guanaes

REVISÃO
Fatima Amendocira Maciel
Luna de Oliveira Valeriani

DIAGRAMAÇÃO
Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F178e

Faletti, Giorgio

Eu sou Deus / Giorgio Faletti ; tradução Eliana Aguiar. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

368p.

Tradução de: Io sono dio
ISBN 978-85-8057-010-6

1. Romance italiano. I. Aguiar, Eliana. II. Título.

10-6137.

CDD: 853

CDU: 821.131.3-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21)3206-7400
www.intrinseca.com.br

A Mauro, pelo resto da viagem

Sinto-me como um carona surpreendido por uma chuva
de granizo numa autoestrada do Texas.
Não posso fugir.
Não posso me esconder.
E não posso parar a chuva.

Lyndon B. Johnson
PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

OITO MINUTOS

COMEÇO A CAMINHAR.

Caminho lentamente porque não preciso correr. Caminho lentamente porque não quero correr. Tudo está previsto, inclusive o tempo destinado a meu passo. Calculei que oito minutos são suficientes. Tenho um relógio de poucos dólares no pulso e um peso no bolso da jaqueta. É uma jaqueta de tecido verde e, na frente, em cima do bolsinho, sobre o coração, houve em certa época uma tira costurada na qual se viam uma patente e um nome. Pertencia a uma pessoa cuja lembrança, como se entregue aos cuidados de uma memória outonal, se desbotara. Só restou um leve traço mais claro, uma pequena mancha no tecido, que sobreviveu à agressão de mil lavagens quando alguém

quem?

por quê?

arrancou aquela tira fina e transferiu o nome inicialmente para um túmulo e depois para o nada.

Agora é uma jaqueta e ponto.

A minha jaqueta.

Resolvi usá-la toda vez que sair para minha breve caminhada de oito minutos. Passos que se perderão como sussurros no fragor de milhões de outros passos dados a cada dia nesta cidade. Minutos que se confundirão como caprichos do tempo, estrelas cadentes sem cor, um floco de neve no perfil dos picos das montanhas que é o único a saber que é diferente de todos os outros.

Devo caminhar oito minutos num passo regular para ter certeza de que o sinal de rádio terá alcance suficiente.

Li em algum lugar que, se o Sol se apagasse bruscamente, sua luz ainda chegaria à Terra por mais oito minutos antes de tudo mergulhar na escuridão e no frio do adeus.

De repente, eu me lembro disso e começo a rir. Sozinho, em meio ao trânsito e às pessoas, em uma calçada de Nova York, com a cabeça erguida para o céu,

com a boca escancarada como se surpreendido ao avistar um satélite no espaço, começo a rir. Pessoas em redor se movem e olham para o sujeito que está rindo como um louco, de pé na esquina de uma rua.

Talvez até pensem que eu realmente seja louco.

Uma pessoa inclusive para e acompanha minha risada por alguns instantes, até perceber que está rindo sem saber o motivo. Rio até as lágrimas da incrível e irônica infâmia do destino. Homens há que viveram para pensar, enquanto outros não puderam fazê-lo porque tinham como única incumbência sobreviver.

E outros, morrer.

Uma angústia sem remédio, um estertor de sufocamento um ponto de interrogação para carregar nas costas como o peso de uma cruz, porque a saída é uma doença que não acaba nunca. Ninguém encontrou o remédio, por um motivo muito simples: não existe remédio.

A minha proposta é uma só: oito minutos.

Ninguém entre os seres humanos que se afligem a meu redor é capaz de saber o momento em que os últimos oito minutos terão início.

Eu sou.

Eu tenho o Sol em minhas mãos muitas vezes, e posso apagá-lo quando quiser. Chego ao ponto que representa, para meu passo e meu cronômetro, a palavra aqui — enfió a mão no bolso e meus dedos circundam um pequeno objeto sólido e conhecido.

Minha pele sobre o plástico é um guia seguro, uma trilha a percorrer, uma memória alerta.

Encontro um botão e o aperto com delicadeza.

E mais um.

E outro ainda.

Um instante ou mil anos depois, a explosão é um trovão sem temporal, a terra recebendo o céu, um momento de libertação.

Depois, os gritos, a poeira dos carros que se abalroam, e as sirenes que avisam que para muitas pessoas atrás de mim os oito minutos chegaram ao fim.

Esse é o meu poder.

Esse é o meu dever.

Esse é o meu querer.

Eu sou Deus.

MUITOS ANOS ANTES

1

O TETO ERA BRANCO, MAS PARA o homem estendido na cama ele estava repleto de imagens e espelhos. As imagens eram as que o atormentavam toda noite havia meses. Os espelhos eram os da realidade e da memória, nos quais continuava a ver seu rosto refletido.

Seu rosto de agora, seu rosto de outrora.

Duas figuras diversas, a trágica magia de uma transformação, duas peças que em seu percurso marcaram o início e o fim daquele longo jogo de sociedade que fora a guerra. Muita gente o tinha jogado, gente demais. Alguns pararam por uma rodada; outros, para sempre.

Ninguém venceu. Ninguém, nem de um lado, nem do outro.

Mas, apesar de tudo, ele retornou. Conservara a vida e a respiração e a possibilidade de olhar, mas perdera para sempre o desejo de ser olhado. Agora o mundo para ele não ia além do limite de sua sombra, e como punição continuaria a correr até o fim da vida, a fugir perseguido por algo que carregava colado em si como um cartaz num muro.

Às suas costas, o coronel Lensky, psiquiatra do exército, estava sentado numa poltrona de couro, uma presença amiga numa posição da qual podia se defender. Fazia meses, talvez anos, na realidade séculos, que se encontravam naquele quarto que não conseguia apagar do ar e da mente o leve cheiro de ferrugem que se respirava em qualquer ambiente militar — mesmo quando, em vez de uma caserna, se tratava de um hospital.

O coronel era um homem de ralos cabelos castanhos, voz calma e uma aparência que, à primeira vista, lembrava mais um capelão que um soldado. Às vezes, vestia o uniforme, mas quase sempre estava à paisana. Roupas discretas, cores neutras. Um rosto sem identidade, uma daquelas pessoas que a gente encontra e esquece rapidamente.

Que querem ser esquecidas rapidamente.

Por outro lado, durante todo aquele tempo tinha ouvido mais sua voz que olhado seu rosto.

— Pois então, sairá amanhã.

Aquelas palavras continham o sentido definitivo da despedida, o valor ilimitado do alívio, o significado inexorável da solidão.

— Mesmo?

— Acha que está pronto?

Não!, gostaria de gritar. Não estou pronto, assim como não estava quando tudo isso começou. Não estou pronto agora e não estarei nunca. Não depois de ter visto o que vi e de ter vivido o que vivi; não depois de meu corpo e meu rosto...

— Estou pronto.

A voz saiu firme. Ou ao menos lhe pareceu firme ao pronunciar aquela frase que o condenava ao mundo. E mesmo que não estivesse, com certeza o coronel Lensky preferia pensar que estava. Como homem e como médico, preferia acreditar que sua missão estava cumprida a ter de admitir que tinha fracassado. Por isso, estava disposto a mentir para ele como mentia para si mesmo.

— Muito bem, então. Já assinei os documentos.

Ouviu o ranger da poltrona e o fru-fru da calça de tecido enquanto o coronel se levantava. O sargento Wendell Johnson se sentou na cama e ficou um segundo imóvel. Diante dele, para além da janela que se abria para o parque, despontavam as copas das árvores recortando um fragmento de céu azul. Daquela posição, não conseguia ver o que certamente veria se estivesse debruçado. Sentados nos bancos ou acomodados no socorro hostil de uma cadeira de rodas, de pé sob as árvores ou filhos daqueles poucos movimentos frágeis que alguns chamavam de autossuficiência, havia homens como ele.

Quando partiram, foram chamados de soldados.

Agora eram veteranos.

Uma palavra sem glória que atraía o silêncio, mas não a atenção.

Uma palavra que significava que sobreviveram, que conseguiram sair com vida da fossa infernal do Vietnã, onde ninguém sabia que pecado estava pagando, embora tudo ao redor evidenciasse a forma de pagamento. Eram veteranos, e cada um deles carregava consigo, de modo mais ou menos visível, o peso da própria redenção pessoal, que começava e terminava nos limites do hospital militar.

O coronel Lensky esperou que se levantasse e se virasse antes de se aproximar. Estendeu a mão e fitou-o nos olhos. O sargento Johnson percebeu o esforço que fazia para impedir que seu olhar se desviasse e fosse pousar nas cicatrizes que deformavam o rosto do coronel.

— Boa sorte, Wendell.

Era a primeira vez que falava com ele chamando-o pelo nome.

Um nome não significa uma pessoa, pensou.

Havia muitos nomes por aí, gravados em túmulos com cruzeiras brancas, todos em fila com uma precisão de relojoeiro. Isso não mudava nada. De nada serviria para trazer aqueles rapazes de volta à vida, para tirar de seus peitos sem respiração o número que traziam escrito como uma medalha em honra das guerras perdidas. Ele continuaria a ser, sempre e somente, mais um entre muitos. Conheceu muitos como ele: soldados que se moviam e riam e fumavam baseados e usavam heroína para esquecer que tinham a retícula de uma mira desenhada para sempre no peito. A única diferença entre eles era o fato de que ele ainda estava vivo, embora na prática se sentisse sob uma daquelas cruzeiras. Ainda estava vivo, mas o preço que pagara por essa diferença irrelevante foi um salto no vazio grotesco da monstruosidade.

— Obrigado, senhor.

Virou e dirigiu-se para a porta. Sentia o olhar do médico apontado para sua nuca. Há muito tempo não era obrigado a fazer a saudação militar — não se exige que a faça quem é reconstruído pedaço por pedaço no corpo e na mente com o único objetivo de lhe permitir que se lembre pelo resto da vida. E o final da missão estava cumprido.

Boa sorte, Wendell.

O que na verdade queria dizer: agora é por sua conta, vire-se, cabo.

Percorreu o corredor verde-claro, que era pintado até a altura de sua cabeça com uma tinta brilhante, e dali para cima com outra, opaca. Na luz incerta filtrada pela pequena claraboia, aquilo trazia à memória certos dias pontilhados de chuva na floresta, quando as folhas ficavam lustrosas como espelhos, mas a parte escondida parecia feita de sombra. Uma sombra da qual a qualquer momento poderia despontar o cano de um fuzil.

Saiu ao ar livre.

Lá fora havia sol, céu azul e várias árvores. Árvores fáceis de aceitar e de esquecer. Não eram densos bosques de pinheiros ou bambus, nem manguezais ou extensões aquáticas de arrozais.

Não era *dat-nuoc*.

Esta palavra ressoou em sua cabeça, levemente gutural, como na pronúncia exata. Na língua falada do Vietnã quer dizer *país*, mas a tradução literal é *terra-água*, um modo extremamente realista de compreender a essência daquele território. Era uma imagem feliz para qualquer um que precisasse trabalhar

lá com a espinha curvada ou caminhar carregando nas costas uma mochila e um M16.

Agora a vegetação que tinha em torno de si significava *casa*. Embora naquele momento não soubesse a que lugar poderia dar esse nome.

O cabo sorriu porque não encontrou outra maneira de expressar amargura. Fez isso porque aquele gesto já não mais provocava dor física. A morfina e as agulhas sob a pele eram uma lembrança quase apagada. A dor moral, não — esta ficaria como uma mancha amarela na memória toda vez que se despisse diante de um espelho ou tentasse em vão passar a mãos nos cabelos, encontrando apenas o áspero contato das cicatrizes das queimaduras.

Caminhou pela aleia ouvindo o cascalho chiar sob os pés, deixando o coronel Lensky para trás, com tudo o que ele significava. Encontrou a faixa de asfalto da rua principal e dobrou à esquerda, dirigindo-se sem pressa a um dos edifícios brancos que despontavam em meio ao parque, aquele no qual estava alojado.

Naquele lugar, encontrava-se toda a ironia do princípio e do fim.

A história se fechava onde tinha começado. A poucas dezenas de milhares de quilômetros dali ficava o Fort Polk, campo de treinamento avançado antes da partida para o Vietnã. Quando chegaram, eram um grupo de rapazes que alguém arrancara da vida à força, a pretexto de transformá-los em soldados. A maior parte deles nunca saíra do estado em que vivia e alguns nem mesmo do município em que tinham nascido.

Não pergunte o que seu país pode fazer por você...

Ninguém perguntava, mas ninguém estava pronto para enfrentar o que seu país lhe pediria.

No interior do forte, na parte sul, tinham reconstruído uma típica aldeia vietnamita. Telhados de palha, madeira, cana de bambu, ratã. Ferramentas e utensílios estranhos; rostos de instrutores de aparência asiática que, na verdade, eram semblantes mais americanos que o seu por direito de nascimento. Não encontrou nenhum dos materiais e objetos que lhe eram familiares. No entanto, naquelas construções, naquelas expressões metafísicas de um lugar que ficava a milhares de milhas de distância, havia ao mesmo tempo uma ameaça e um quê de cotidiano.

Veja como é feita a casa de Charlie, disse o sargento.

Charlie era o apelido dado aos inimigos pelos soldados norte-americanos. O treinamento começou e chegou ao fim. Haviam ensinado a eles tudo o que precisavam saber. Mas tudo fora feito apressadamente e sem muita convicção, pois convicção era coisa escassa naqueles tempos. Cada um teria de se virar por

conta própria, sobretudo para entender, entre os rostos todos iguais que o cercavam, quem era um vietcongue e quem era um camponês sul-vietnamita amigo. O sorriso com que às vezes se aproximavam era o mesmo, mas o que carregavam podia ser completamente diferente. Uma bomba manual, talvez.

Como no caso do homem negro que naquele momento vinha em sua direção, impulsionando com braços fortes a própria cadeira de rodas. Entre os veteranos internados no hospital à espera de reconstrução, era o único com quem Wendell fizera amizade.

Jeff B. Anderson, de Atlanta. Foi vítima de um atentado quando saía de um bordel de Saigon. Ao contrário dos outros companheiros, sobrevivera, mas tinha ficado paralisado da cintura para baixo. Nada de glória, nada de medalha. Apenas internações e constrangimento. A glória, aliás, era um fato ocasional no Vietnã, e as medalhas às vezes não valiam o metal de que eram feitas.

Jeff freou a corrida da cadeira pressionando a palma das mãos contra as rodas.

— Oi, cabo. Estão dizendo coisas estranhas a seu respeito.

— Neste lugar, muitas das coisas que são ditas costumam ser verdadeiras.

— Então é verdade. Vai para casa?

— É, vou para casa.

A pergunta seguinte chegou depois de uma fração de segundo, uma suspensão breve mas interminável, pois certamente era uma questão que Jeff considerava para si mesmo muitas vezes.

— Vai conseguir?

— E você?

Ambos preferiram não dar uma resposta, mas deixar ao outro a possibilidade de imaginá-la. Aquele silêncio entre eles era o resumo das várias conversas anteriores. Tinham muitas coisas a dizer e muitas a maldizer, e aquele não dito era o resumo de tudo.

— Não sei se devo invejá-lo ou não.

— Se quer mesmo saber, nem eu sei.

O homem na cadeira contraiu os maxilares. A voz saiu de seus lábios partida por um ódio tardio e inútil.

— Se ao menos tivessem bombardeado aqueles malditos diques...

Jeff deixou a frase em suspenso. Suas palavras evocavam fantasmas que ambos tentaram exorcizar muitas vezes, sem resultado.

O sargento Wendell Johnson sacudiu a cabeça.

O que fora feito pertencia à história e o que não fora era uma hipótese sem possibilidade de confirmação. Apesar dos bombardeios maciços a que o Vietnã

do Norte fora submetido, apesar da constatação de que as incursões aéreas despejaram o triplo das bombas usadas na Segunda Guerra Mundial, ninguém nunca dera a ordem de destruir os diques do rio Vermelho. Muitos pensavam que aquela seria a manobra definitiva. A água teria invadido os vales e o mundo teria identificado como crime de guerra aquilo que muito provavelmente seria quase um genocídio. Mas talvez o conflito tivesse um resultado diferente.

Talvez,

— Centenas de milhares de pessoas teriam morrido, Jeff.

O homem na cadeira de rodas ergueu um olhar em que flutuava algo de indefinível. Talvez fosse o apelo extremo a uma misericórdia suspensa entre o lamento e o remorso pelo que pensava. Depois virou a cabeça e olhou para um ponto distante, além da copa das árvores.

— Sabe, há momentos em que estou distraído e apoio as mãos nos braços da cadeira para me levantar. Então me lembro do estado em que me encontro e me amaldiçoo.

Respirou profundamente, como se tivesse necessidade de muito ar para pronunciar o que iria dizer.

— Eu me amaldiçoo porque estou assim e sobretudo porque daria a vida de milhões daquelas pessoas para ter minhas pernas de volta.

Voltou a olhá-lo nos olhos.

— O que aconteceu, Wen? E sobretudo *por que* aconteceu?

— Não sei. Acho que ninguém nunca vai conseguir saber de verdade.

Jeff apoiou as mãos nas rodas e moveu a cadeira um pouco para a frente e para trás, como se aquele gesto servisse para lembrá-lo de que ainda estava vivo. Ou era simplesmente um momento de distração, um daqueles em que pensava que podia se levantar e ir embora com as próprias pernas. Seguiu o curso de seus pensamentos e precisou de um segundo antes que eles se transformassem em palavras.

— Antigamente diziam que os comunistas comiam criancinhas.

Falava e olhava para o cabo Wendell sem vê-lo, como se, na realidade, estivesse visualizando a imagem que aquelas palavras evocavam.

— E nós combatíamos os comunistas. Talvez por isso não nos tenham comido.

Fez uma pausa e quando falou de novo a voz era um sussurro.

— Só mastigaram e cuspiram de volta.

Sacudiu-se e estendeu-lhe a mão. O cabo apertou-a. Era sólida e enxuta.

— Boa sorte, Jeff.

— Vá tomar no cu, Wen. E logo. Detesto ficar chorando na frente de um branco. Sobre minha pele, até as lágrimas parecem negras.

Wendell se afastou com a nítida sensação de que perdia alguma coisa. De que ambos perdiam alguma coisa. Além do que já tinham perdido. Tinha dado apenas alguns passos quando a voz de Jeff o obrigou a parar.

— Ah, Wen.

Virou-se e o viu, uma sombra de homem e de máquina contra o crepúsculo.

— Coma uma por mim.

Fez com o dedo um gesto inconfundível.

Como resposta, Wendell sorriu.

— Certo. Quando acontecer, será em seu nome.

O sargento Wendell Johnson afastou-se com o olhar fixo diante de si, num passo que, mesmo a contragosto, ainda era o de um soldado. Chegou ao alojamento sem cumprimentar nem falar com ninguém. Entrou em seu quarto. A porta do banheiro estava fechada. Sempre a mantinha assim, pois o espelho ficava na frente da porta. Preferia evitar que seu rosto fosse a primeira imagem a recebê-lo.

Obrigou-se a pensar que, a partir do dia seguinte, teria de construir esse hábito. Espelhos benevolentes não existiam, mas sim superfícies que refletiam exatamente o que viam. Sem piedade, com o sadismo involuntário da indiferença.

Tirou a camisa e jogou-a numa cadeira, longe da magia automutiladora do outro espelho, no interior do armário embutido. Tirou os sapatos e deitou-se na cama com as mãos atrás da cabeça, pele áspera contra pele áspera, uma sensação à qual já se habituara.

Da janela, além dos vidros semicerrados, filha do azul cinzento que prenunciava a noite, chegava a batida ritmada e escondida de um pica-pau entre as árvores.

tuc-tuc-tuc-tuc... tuc-tuc-tuc-tuc...

A memória rodou seus círculos viciosos, e aquele som se transformou no tossir surdo de um AK-47, imediatamente seguido de um murmúrio de vozes e imagens.

— *Matt, onde esses merdas se meteram? De onde estão atirando?*

— *Não sei. Não vejo nada.*

— *Jogue uma granada naquelas moitas à direita com o M-79.*

— *Cadê o Corsini?*

E a voz de Farrell, suja de terra e medo, chegou de um ponto indefinido à direita.

— *Corsini já era. E também o Mc...*

tuc-tuc-tuc-tuc...

E a voz de Farrell também se dissolveu no ar.

— *Wen, vamos nessa, é melhor darmos o fora. Estão acabando conosco.*

tuc-tuc-tuc-tuc... tuc-tuc-tuc-tuc...

— *Não, por aí não. Está tudo descoberto.*

— *Santo Deus, estão em toda parte.*

Reabri os olhos e permitiu que as coisas ao redor retornassem. O armário, a cadeira, a mesa, a cama, as janelas com os vidros estranhamente limpos. E também o cheiro de ferrugem e de desinfetante. Aquele quarto fora sua única referência durante meses, depois de todo o tempo passado numa enfermaria, onde os médicos se agitavam em volta dele, tentando aliviar o sofrimento das queimaduras. Ali, permitiu que a mente voltasse quase intacta ao corpo devastado, recuperou a lucidez e fez uma promessa a si mesmo.

O pica-pau deu uma trégua à árvore que estava torturando. Isso parecia um bom presságio, o fim das hostilidades, uma parte do passado que podia deixar para trás de algum modo.

Que *tivesse* de deixar para trás.

Sairia no dia seguinte.

Não sabia que mundo encontraria além dos muros do hospital, nem como ele o receberia. Na realidade, nenhuma das duas coisas lhe importava. Só lhe interessava a longa viagem que tinha pela frente, pois no final dessa viagem um encontro com dois homens esperava por ele. Olhariam para ele com os olhos cheios de medo e espanto, daqueles que se sentem diante do inacreditável. Em seguida, seria sua vez de falar. Para aquele medo e para aquele espanto.

Então, finalmente, ele os mataria.

Um sorriso, mais uma vez desprovido de dor. Sem perceber, caiu no sono. Naquela noite, dormiu sem ouvir vozes e, pela primeira vez, não sonhou com as árvores-da-borracha.